

(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical

[Boletim Informativo nº 50, outubro 2019, Artigo do mês]

Trabalho E... Corpo (I)

Eguimar Felício Chaveira

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos

Hélio Pellegrino, psicanalista e escritor mineiro, sugere: quando se põe a ouvir uma pessoa deve se preparar para ouvir um mar. Cada ser humano é um mar. Que mar? O corpo é o mar humano, imenso condomínio de órgãos, estrutura articulada de vários sistemas, casa da vida inteira, usina de sensações, de afetos, desejos; dimensão sensível que se abre ao mundo e, em se abrindo, comunica com tudo que possui, olhos, mãos, voz, pés, pele. Instrumento de uma potência infinita de amar, matéria cósmica, mas morrente, contudo é o que se tem para agir e para compor forças. Não por acaso, em toda a história humana, o corpo é alvejado e, assim, um objeto de várias disputas e de controle. Enquanto, por exemplo, na idade média, a igreja católica o representava como a casa do Deus cristão, a modernidade, ao dessacralizá-lo, criou outro projeto: transformá-lo na casa do consumo. Mas o corpo não é alvo apenas do consumo: o Estado e as instituições de poder, como o exército, a escola, o hospital, o mercado, a publicidade, cada uma disputa o corpo, o representa, dá-lhe um sentido, aquietá-o, encarcera-o, expõe-no, normaliza-o, silencia-o, hierarquiza-o.

Na modernidade a consolidação da “sociedade do trabalho”, especialmente após a Revolução Industrial, fez o corpo ser manietado, controlado e administrado a partir do trabalho alienado. O corpo, ao modernizar a modernidade na nova sociedade do trabalho, envelheceu pela liberdade de sua exploração. Antes escravizado, o corpo era privado da liberdade, mas livre para rebelar-se. Dos meados do século XVIII ao século XIX, extenuar ao máximo o corpo com o esforço físico pela via do trabalho de operários transformou a liberdade de vender a força de trabalho num aprisionamento consentido. Arrancar o máximo de produtividade, a partir do trabalho penoso, e explorar o trabalho feminino e infantil “depositando” os novos trabalhadores em ambientes insalubres de trabalho e, além de sua vida laboral, em condições sub-humanas de moradia e transporte principiou o que, depois do século XX, tornou-se a matriz da relação entre corpo e trabalho: a sua transformação num território de acumulação.

O projeto capitalista para o corpo do trabalhador se traveste em arrancar-lhe as potências transformadoras para alienar/subjugar o trabalhador e intoxicá-lo de mercadorias. O que seria um processo libertador, com o fim da escravidão formal, transmutou-se num projeto de liberdade sem limites de acumulação para os proprietários dos corpos produtivos. Mesmo os fatores de risco que nas atividades de trabalho submetem o corpo trabalhador às situações de adoecimento, mutilações e mortes são tidos como responsabilidade do próprio corpo operário.

O corpo é acusado do dano a ele próprio infligido
- os inumeráveis danos à sua saúde -.

Os equipamentos de proteção individual constituem-se em evidência de transferência da culpa pelo dano ao corpo livre que vende sua força de trabalho.

**O capital, responsável pela compra da força de trabalho,
não se assume responsável pelos riscos no trabalho.
É a culminância da desgraça humana do corpo que trabalha:
o corpo vendido, embora livre,
torna-se o responsável pela sua auto-danação.**

Contudo, o corpo é o mar humano; o corpo é a vida humana - sim! -, mas na sociedade capitalista, o seu valor é equivalente à sua capacidade de produção em prol daqueles que detêm e se apropriam do resultado dos esforços do trabalho. Aparentemente livre dos deuses inquisidores, da tortura e da culpa religiosa da idade média, conforme sublinhou o filósofo **Peter Pelbart**, no atual período a prisão é a céu aberto, pois a visão liberal do corpo coincide com a alienação do trabalho e com a redução economicista do seu valor social. Agora a culpa é pelo insucesso no mundo economicista, do consumo e do status mercantil. Por conseguinte, a indissociável relação do corpo com o trabalho se monta em duas direções: não há trabalho sem a ação do corpo. O motorista de ônibus; a diarista; o controlador de voo; o camponês; o operário que monta veículos; a moça que serve café; o engraxate; o feirante; a professora de balé; o policial; nós. Todas as formas de trabalho têm no corpo a sua fonte, por isso pode-se dizer que o corpo é usina de criação e de transformação. Entretanto, toda forma de trabalho alienado fere o corpo, destitui o seu sentido de liberdade. O que é criação torna-se sofrimento, penúria, necrofilia. E para isso, o corpo antes se torna submisso, subordinado, desfigurado e, porque não dizer, desconfigurado. Conforme insistia a poetisa **Angela Barbosa***, o corpo é guardião da memória. Todas as experiências de vida, do nascimento à socialização na escola, no trabalho, às atividades sexuais até a morte, o corpo guarda o mundo do sujeito. Assim, é uma matéria sensível. É um patrimônio. Desse modo, não pode existir sociedade boa enquanto o trabalho - fonte de criação do corpo - o massacra e o oprime. Não pode existir dignidade humana, alegria, prazer, solidariedade, capacidade de sentir, quando o corpo é devastado pelo medo do desemprego; pela dor de trabalhar; pela incapacidade de comer, dormir, morar. O corpo é matéria prima de primeira qualidade que a opressão do capital não tem o direito de violentar, sob nenhuma hipótese. Ainda que a perversa acumulação de capital às custas dos trabalhadores fosse compreensível, jamais seria dada à compreensão humana o extermínio do corpo trabalhador pelo mesmo capital que lhe explora e dele extrai e sustenta sua vil natureza. Não há sentido nessa contradição que, lamentavelmente, os trabalhadores ainda não ousamos enfrentar. Conforme se apregoa, o corpo é um universo dentro do universo; a fonte de força para o trabalho, este que surgiu para emancipar os seres humanos e para extrair do corpo o seu vasto repertório de criação.

Um mundo livre e um sujeito alegre tem no corpo a prova de sua resignação ou emancipação. Não à toa, ao lado do fechamento de fábricas e proliferação de trabalhos precários e autônomos, brotam academias de ginástica e produtos cosméticos. Disfarçar-se de si mesmo é uma estratégia de sobrevivência para viver na clausura de uma liberdade acorrentada.

**Cada ser humano é um mar.
Mas o mar não está mais para peixes.
O mar está manchado de óleo e ódio.**

■ ■ ■

Citações: • Hélio Pellegrino. *A burrice do demônio*. Rio de Janeiro: Editora Rocco. 1988. // • Peter Pál Pelbart. *Vida Capital - Ensaios de Biopolítica*. São Paulo: Iluminuras. 2011.